



Memória e legado do trauma cultural no romance *O caminho de casa*, de Yaa Gyasi

Memory and legacy of cultural trauma in the novel Homegoing, by Yaa Gyasi

Paula de Sousa Costa (UFCG)¹
Josilene Pinheiro-Mariz (UFCG)²

RESUMO: As reflexões realizadas neste artigo têm como objetivo discutir acerca do trauma cultural originado pela histórica escravização de povos africanos retratados no romance *O caminho de casa* (2017), de autoria da ganesa Yaa Gyasi. Em nossa leitura, constatamos que a literatura afro-americana apresenta narrativas que permitem essa entrada e reconhecimento da história e da memória dos povos africanos, demonstrando seu teor testemunhal ao narrar a diáspora, a escravização e a formação do povo afro-americano. Nesse âmbito, discutiremos essa temática sob a perspectiva de Seligmann-Silva (2008), no que concerne ao teor testemunhal das narrativas de trauma e de Spaulding (2005), que ancora as discussões sobre as narrativas pós-modernas de escravidão. Entendemos, portanto, que o romance em estudo reflete sobre o trauma da escravização que maculou a identidade dos povos africanos. Assim, observamos que *O caminho de casa* reescreve a história, contribuindo para reconstrução da memória.

Palavras-chave: *Literatura afro-americana; Teor testemunhal; Yaa Gyasi; O caminho de casa.*

ABSTRACT: These reflections aim to discuss the cultural trauma caused by the historical enslavement of African people portrayed in the novel *Homegoing* (2017), written by Ghanaian Yaa Gyasi. Afro-American literature presents narratives that allow this entry and recognition of the history and memory of African people, demonstrating its testimonial content when narrating the diaspora, enslavement and the formation of the Afro-American people. In this context, we will discuss this theme from the perspective of Seligmann-Silva (2008), regarding the testimonial content of trauma narratives and Spaulding (2005) who anchors discussions about postmodern narratives of slavery. We understand, therefore, that the novel under study reflects on the trauma of enslavement that tarnished the identity of African peoples. Thus, we observe that *The Way Home* rewrites history, contributing to the reconstruction of memory.

Keywords: African-American; Testimonial content; Yaa Gyasi; *Homegoing*

¹ Doutora em Linguagem e Ensino. Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail paulacosta716@gmail.com. ORCID 0000-0003-0184-1859.

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Doutora em estudos linguísticos literários e tradutológicos da Universidade de São Paulo. Pós-Doutorado na Universidade Paris 8. E-mail. ORCID. <https://orcid.org/0000-0003-4879-579X>



Introdução

Nestas reflexões, buscamos abordar o legado negativo da escravização para os povos de origem africana, ressaltando o contexto segregante nos Estados Unidos da América desde o período da escravização até os dias atuais no romance *O caminho de casa* (2017), da escritora ganesa Yaa Gyasi, o qual traz em seu enredo. A narradora reconta a história da diáspora e da escravização do povo ganês, por meio de um romance, cuja narrativa se desenrola por cerca de duzentos anos, tendo seu início quando os ingleses chegam a Gana para atividades comerciais. Com esse olhar, podemos depreender que a autora não trata apenas da nação de Gana, mas constrói um memorial a partir de sua terra natal para representar a história dos povos e países do continente africano que passaram por essa experiência.

Para ancorar nosso estudo, nos ancoraremos no pensamento de Seligmann-Silva (2002; 2008) sobre a presença do teor testemunhal das narrativas literárias de trauma como elemento que torna possível a recriação da cena traumática, além de tornar o leitor coparticipante e testemunha do trauma coletivo. No caso do romance em estudo, o leitor torna-se uma testemunha do trauma da escravização dos povos africanos durante o período da colonização.

Para discutir sobre o trauma cultural coletivo e sua influência na construção da identidade coletiva de um povo e como isso atinge também a identidade individual, fundeamos nossas discussões nas ponderações dos sociólogos estadunidenses Ron Eyerman (2004) e Jeffrey C. Alexander (2004), que discutem como se estabelece o trauma cultural e os prejuízos que se tornam herdáveis para as vítimas, como por exemplo, os judeus, por causa do holocausto e os africanos devido à escravização.

Teor testemunhal da literatura nas narrativas sobre o trauma cultural

A literatura afro-americana retrata vários momentos importantes da história e da memória dos povos africanos e afro-americanos. Narrando as lutas e fatos que marcaram a memória desses povos está a diáspora e a escravização. O romance *O caminho de casa* (2017), da escritora ganesa Yaa Gyasi, narra o complexo memorial africano desde o período da escravização até os dias atuais. Por meio da genealogia de duas irmãs Esi e Effia, é contada a trajetória de seus descendentes, que lutam pela sobrevivência durante a escravização, pela abolição, contra a opressão e a continuação do racismo pós-abolição. Seguindo uma linha do tempo histórica, a



autora transforma o leitor em uma testemunha que participa das dores, lutas e conquistas de cada descendente.

Sobre esse ponto de vista, Seligmann-Silva (2002/2008) destaca a premissa da essência humana de contar para os outros sobre os acontecimentos como forma de revisitar o 'ambiente' ou 'cena' traumática, tornando o 'outro' participante. Ele caracteriza o testemunho como uma atividade elementar gerada pela necessidade humana de narrar: "Narrar o trauma, portanto, tem em primeiro lugar este sentido primário de desejo de renascer." (Seligmann-Silva, 2008, p. 66). Esse desejo de renascer aparece como intenção de que ao falar do trauma, haja uma possibilidade de dividir esse 'fardo pesado' com o outro, que passa a conhecer o fato, tendo-o visitado pelas palavras, a experiência de quem sofreu o trauma; assim, por meio desse testemunho narrativo, o peso pode ser diminuído e/ou aliviado. Esse processo narrativo com teor testemunhal possibilita um religamento com o outro e o mundo, bem como a reconstrução simbólica do trauma:

A narrativa teria, portanto, dentre os motivos que a tornavam elementar e absolutamente necessária, este desafio de estabelecer uma ponte com "os outros", de conseguir resgatar o sobrevivente do sítio da outridade, de romper com os muros do Lager 1. A narrativa seria a picareta que poderia ajudar a derrubar este muro. (Seligmann-Silva, 2008, p. 66).

O pesquisador cita a "outridade" como uma imagem, na maioria das vezes, deturpada e negativa, criada sobre um 'corpo social', ou seja, um contingente populacional, que revela, de algum modo, a supremacia de um povo, ou um pensamento criado sob um estigma que precisa ser rompido. Fazendo alusão ao antissemitismo, que sitiou e antagonizou os judeus, principalmente ao longo da política nazista, ele entende a narrativa como uma ferramenta capaz de quebrar os muros dos campos de concentração de qualquer discriminação e atitudes desumanas que circundam um povo e sua cultura. Para ele, não é apenas desintegrar muros, mas reconstruir pontes e reestabelecer relações, ao mesmo tempo que a narrativa devolve ao outro a visão fraturada de eventos que desconfiguraram esses povos. Entre estes que sofreram esse epistemicídio cultural e um genocídio, como os judeus, estão as nações africanas dizimadas, desestruturadas pela escravização e colonização.

Ainda conforme Seligmann-Silva (2002/2008), a literatura se posiciona à frente, estando na vanguarda da linguagem, pois, além de possibilitar a exploração do campo simbólico, ela também é marcada pelo 'real'. Estabelece, desse modo, relações e um entrelaçamento formado pelos eixos da imaginação e da realidade, realçando a amplitude do seu alcance, uma vez que a

¹ Referência ao Campo de concentração narrado pelas testemunhas do Holocausto.



linguagem literária permite percorrer tanto a memória do trauma individual como a memória construída pela sociedade. Ela fala de vida e de morte, das catástrofes externas e internas.

Ele salienta que o teor de testemunho ao narrar o trauma é revelado na literatura por meio das características da sua linguagem:

Na qualidade de produto do intelecto, seu testemunho está “inscrito” na própria linguagem, no produto que faz dela, no modo como através de uma intrincada tecedura, ela amarra o “real”, a imaginação, os conceitos e o simbólico. Podemos, portanto, falar de um teor testemunhal da obra literária que permanece mesmo em plena era da reprodutibilidade técnica e, depois dela, na era da síntese de imagens. (Seligmann-Silva, 2002, p. 148).

Conforme este pensamento, mesmo depois do advento tecnológico do cinema, das mídias e redes sociais que também produzem o testemunho do trauma, da produção visual de imagens que chamam a atenção de massas, a relevância da literatura permanece, porque a sua forma de contar por meio da linguagem escrita a estabelece como indelével, tornando-a atemporal, ainda que carregando um contexto cronológico. É justamente a fluência do simbólico imagético sobre o que está estranho, em oculto ou em esquecimento que permite a literatura adentrar nas lacunas testemunhais das experiências traumáticas.

A imaginação é chamada como arma que deve vir em auxílio do simbólico para enfrentar o buraco negro do real do trauma. O trauma encontra na imaginação um meio para sua narração. A literatura é chamada diante do trauma para prestar-lhe serviço. *Et pour cause*, se dermos uma pequena olhada sobre a história da literatura e das artes veremos que os serviços que elas têm prestado à humanidade e seus complexos traumáticos não é desprezível. Da *Ilíada* a *Os sertões*, de *Édipo Rei* (Sófocles, [500 BC.] 1982) à *Guernica* (Picasso, 1937), de *Hamlet* (Shakespeare, [1602] 1936) ao teatro pós Shoah de um Beckett, podemos ver que o trabalho de (tentativa) introjeção da cena traumática praticamente se confunde com a história da arte e da literatura. (Seligmann-Silva, 2008, p. 70).

O testemunho emerge e se manifesta na linguagem literária; dessa forma, a memória possui relação implícita com a capacidade narrativa e de testemunho. Ressalte-se que a presença do teor testemunhal do trauma, em várias obras do cânone literário, reflete em uma visão não dissociativa, mas, sobretudo, de suporte e de registro da memória coletiva, demonstrando sua abrangência em todas as manifestações literárias e em todos os períodos históricos. Dessa forma, pode-se dizer que a possibilidade criativa e simbólica da literatura é capaz de preencher e reconstruir lacunas, conquistando uma nova dimensão para o fato do ‘irreal’ e do ‘estranho’ ao que sobrevive ou recebe a herança do choque traumático.



Apesar de uma considerável parte de os estudos sobre trauma se debruçarem sobre os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial e o Holocausto dos judeus, aqui se intenta focar no trauma gerado pela escravização e pelo racismo dirigido à população negra. Ao observar os entraves históricos, percebe-se que este trauma se repercute entre gerações e territórios diferentes, uma vez que a escravização extravasou séculos e foi disseminada em muitos países. Dessa forma, as consequências desse trauma permanecem e refletem-se ainda hoje nas atmosferas política, econômica, social e cultural. Este passado permanece inacabado e parcialmente desconhecido.

O romance *O caminho de casa* (2017) apresenta este teor testemunhal de um trauma cultural que reconta, compartilha as fraturas causadas pela violência e epistemicídio da escravização, marcando um estigma cultural que, ao jogar com o real e o imaginário, proporciona-se um adentramento à memória coletiva. Assim, revisitar esse trauma não é uma tarefa indolor, no entanto, compartilhar a memória simbólica empreende o rompimento de paradigmas, uma sobrevivência epistêmica. A literatura, portanto, empreende um espaço propício a este exercício e encontro.

A reconstrução histórica na narrativa *neo-slave* possibilita ao leitor a exploração e as descobertas de traços de um trauma racial e cultural que foram ou são base para fragilizar a identidade individual e coletiva de um povo que foi sujeito aos eventos danosos que distorceram a sua legitimidade. Sobre trauma cultural, o sociólogo Jeffrey C. Alexander (2004) define como:

O trauma cultural ocorre quando os membros de uma coletividade sentem que foram submetidos a um evento horrendo que deixa marcas indelévels em sua consciência de grupo, marcando suas memórias para sempre e mudando sua identidade futura de maneiras fundamentais e irrevogáveis. (Alexander, 2004, p. 1, tradução nossa)².

A escravização como um evento danoso e traumático à população negra afetou a memória coletiva e a formação de uma identidade emergente. Nos Estados Unidos, após a Guerra Civil (Civil War) e a abolição da escravização, surge o termo 'afro-americano' para distinguir e diferenciar esses povos que eram excedentes, já que não eram mais escravizados e não eram vistos como a categoria de "americanos nativos". Este termo emerge com o intuito de forjar uma identidade coletiva de um povo, tenha sido ele escravizado ou não, mas com a ascendência africana. Se por um lado essa identidade é continentalizada, uma vez que na África cada nação é reconhecida pela

² Cultural trauma occurs when members of a collectivity feel they have been subjected to a horrendous event that leaves indelible marks upon their group consciousness, marking their memories forever and changing their future identity in fundamental and irrevocable ways. (Alexander, 2004, p. 1).



sua origem e distinção, na América passa-se a ter uma concepção mais uniformizada, baseada nas ideias raciais vigentes à época; por outro lado, o surgimento do termo denota um reconhecimento da existência deste povo, em uma tentativa de se construir uma identidade coletiva, mesmo que esta nomenclatura demonstre o contexto de uma identidade segregada.

Por esse prisma, o sociólogo Ron Eyerman (2004) discorre sobre como a escravização se caracterizou como trauma e como este evidencia suas raízes na formação da identidade do afro-americano: “O trauma em questão é a escravidão, não como instituição ou experiência, mas como memória coletiva, uma forma de lembrança que fundamentou a formação da identidade de um povo.”³ (Eyerman, 2004, p. 60, tradução nossa). Apesar da obviedade deste fato, a escravização assume um quadro traumático inscrito na memória coletiva, bem como cultural, uma vez que suas reminiscências agravaram as injustiças sociais e a clivagem desses povos em contexto diaspórico. Um memorial negativo por vezes revisitado pela memória coletiva como um grupo que: a) foi desumanizado; b) rejeitado pela sociedade em que vive; c) visto como não civilizado; d) considerado resistente e ameaçador.

Para Eyerman (2004), o que difere o trauma individual do cultural é principalmente o fato de que, enquanto o individual possui seus malefícios no psicológico, afetando a saúde emocional e psíquica, o trauma cultural acarreta uma perda de identidade e significação de um coletivo, no qual nem todos de determinada comunidade irão sentir ou viver diretamente. Essa vulnerabilidade pode ser sentida; no entanto, pelo simples fato de esse indivíduo ser definido como “membro da raça”, o que pode caracterizar a construção de uma identidade distorcida pela memória do trauma, já que a sociedade contemporânea possui apenas o testemunho contado pela literatura e outros meios artísticos, além de meios de comunicação que contam, por assim dizer, a verdadeira história. Estes que escrevem “testemunham”, desempenhando um papel fundamental para construção histórica e de retorno à memória, buscando reconstruir um espaço de pertencimento e significação perdida.

Vale salientar que memória, aqui, aparece como um elemento relevante na formação identitária tanto individual, quanto coletiva, além de compreender a sua relação intrínseca com a perpetração do evento traumático. O psiquiatra Allan Young (1995, p. 4) pondera acerca do tripé que formula sua conceituação: “A memória tem três significados: a capacidade mental de recuperar informações armazenadas e realizar operações mentais aprendidas, como divisão

³ The trauma in question is slavery, not as institution or even experience, but as collective memory, a form of remembrance that grounded the identity-formation of a people. (Eyerman, 2004, p. 60).



longa; a semântica, conteúdo imagético ou sensorial das lembranças; e o local onde essas lembranças são armazenadas”⁴.

A partir desta compreensão tricotômica, entendemos que a memória atua, em sua complexidade, no armazenamento de informações ou lembranças, na interpretação desses dados que gerem o simbólico e as emoções causadas pelo acesso a essas recordações. Dessa forma, a memória não guarda apenas as lembranças dos fatos, mas também os sentimentos que eles causaram as emoções, assim, quando reaparece a cena traumática, emergem também essas emoções gravadas.

A ausência de memórias pode causar profundos problemas de identidade no indivíduo, devido à necessidade de saber sua origem e qual a sua história, evidenciando que as raízes identitárias estão imbricadas em uma consciência coletiva; já, o retorno à memória pode empreender passos relevantes na construção social, reconstruindo e compartilhando um novo olhar para um passado coletivo.

O locus do trauma cultural e o teor testemunhal no caso de Esi

No romance *O caminho de casa* (2017), a autora constrói a história de gerações de uma família em duas ramificações: a primeira sobre os filhos de Effia, que fica em Gana; e, a segunda, os descendentes de Esi, que é levada para ser escravizada nos Estados Unidos. Tratamos de refletir sobre personagens que configuram essa linhagem africana, que vive a diáspora, tendo a origem representada por Esi e Effia, duas irmãs que nunca se conhecem. Contudo, a narrativa desenvolve esse percurso de seus descendentes até acontecer o encontro e união de dois deles. Esse encontro final aponta para um retorno às origens, promovendo a ideia de justiça/reparação pelos anos em que a família foi separada pelo calabouço, pelo navio negreiro, pela escravização e esse voltar à sua terra natal configura o encontro com o elo perdido.

As filhas de Maame, Effia e Esi constituem o papel de matriarcas no romance, apresentando logo na primeira página a genealogia de ambas, dos seus filhos e filhas que seguem o percurso narrativo, o qual se inicia a partir da intervenção e dominação ocidental. A narradora descreve a chegada dos ingleses às comunidades Fanti, logo no primeiro capítulo, quando a história de Effia acaba cruzando com a presença do homem branco, James Collins, - governador

⁴ Memory has three meanings: the mental capacity to retrieve stored information and to perform learned mental operations, such as long division; the semantic, imagistic, or sensory content of recollections; and the location where these recollections are stored”. (Young, 1995, p. 4).



recém-nomeado do Castelo de Cape Coast -, de quem ela se torna esposa. A autora reconstrói como são estabelecidas essas relações entre ingleses e fantis para comercializar, marcando o início da captura de escravizados da tribo inimiga:

[...] Abeeku fez uma aliança com uma das aldeias axântis mais poderosas. Nós vamos ajudá-los a vender seus escravos para os ingleses. Assim o homem branco veio a aldeia deles. Gordos e magros, vermelhos e bronzeados. Eles vinham de uniforme, com espadas ao lado, os olhos sempre esguelha, sempre com a maior cautela. Vinham dar aprovação às mercadorias que Abeeku lhes prometera. (Gyasi, 2017, p. 26).

Effia, a filha do fogo, assim a menina ficou conhecida e, portanto, entendida como amaldiçoada, pois nasceu no dia de um grande incêndio, um dia de perdas e destruição. Não conheceu sua mãe, foi criada por uma das esposas de seu pai, que a maltratava por mais que o pai pedisse que ela fosse amada. Estava prometida ao líder daquela comunidade, mas a malquerença que sua madrasta sentia por ela, sobretudo por causa de sua beleza que, por certo, lembrava a sua mãe, provocava o desprezo da invejosa madrasta. Por essa razão, fez todos acreditarem que a menina havia sido amaldiçoada pelo fogo e arranjou um casamento desonroso com o chefe branco. A ela foi negado o amor de mãe e uma parte da sua história. Seu casamento foi realizado no Castelo de Cape Coast, onde passou a viver com seu marido. A cena a seguir mostra seu primeiro dia de casada, quando ao conhecer a fortaleza, um lugar amplo e bélico, descobre as pessoas no calabouço:

Foi quando sentiu uma brisa nos seus pés vinda de pequenos buracos no chão. — O que fica aí embaixo? — perguntou ela a James, e a palavra mal pronunciada em fanti que voltou para ela foi “carga”. Então, subindo com a brisa, veio o som fraco de um choro. Tão fraco que Effia achou que era sua imaginação, até ela se abaixar e encostar o ouvido na grade. — James, tem gente aí embaixo? — perguntou ela. James veio depressa até ela. Ele a arrancou do chão e agarrou seus ombros, olhando diretamente nos seus olhos. — Sim — disse ele, sem esforço. Era uma palavra em fanti que ele tinha aprendido direito. Effia afastou-se dele. Ela encarava os olhos penetrantes do marido. — Mas como você deixa essa gente aí chorando, hem? — disse ela. — Vocês, brancos. Meu pai me avisou dos costumes de vocês. Me leva para casa. Me leva para casa agora! Ela só percebeu que estava aos berros quando sentiu a mão de James tapando sua boca, empurrando seus lábios como se pudesse forçar as palavras a voltarem para dentro. Ele a segurou desse jeito muito tempo, até ela se acalmar. Ela não sabia se ele tinha entendido o que ela dissera, mas soube naquele instante, só pela leve pressão dos dedos dele na sua boca, que ele era um homem capaz de ferir, que devia ficar feliz por estar de um lado da maldade dele e não do outro. (Gyasi, 2017, p. 33-34).

A descoberta do calabouço para Effia a faz experimentar certa repulsa pelo que via naquele espaço; entretanto, instantaneamente, ela se conforma em estar do lado de quem tem o



poder sobre a situação. Ela contempla a dor, mas se omite, porque sua própria família está envolvida naquela situação. Além disso, está convencida de que é uma maneira de sobrevivência estar do lado de quem tem o poder, enquanto a sua irmã estava no calabouço, embaixo de seus pés, presa pelas ordens de seu marido. Talvez o choro dela estivesse entre aqueles que ela escutava. Com essa cena, a autora evoca no leitor essa noção de que entre a tribo inimiga também estavam seus irmãos, sinalizando a rivalidade que dizimava sua nação.

Essa violência compactuada parece continuar presente nos dias hodiernos, como uma continuação dessa condescendência de estar ao lado do poder, sobretudo, quando se usufrui de alguma condição socialmente em que se é colocado como superior. A exemplo disso, temos o caso recente de Tyre Nichols, um trabalhador de 29 anos que foi abordado e agredido por policiais (negros) na cidade de Memphis nos Estados Unidos⁵. O acontecido chocou a cidade e repercutiu em todo o país e até entre outras nações, diante da gravidade da agressão, que o levou à morte. Isto evidencia que a violência policial contra negros é um fator real dessa segregação, como apontam dados já mencionados anteriormente. O fato de serem policiais negros não trouxe empatia ao seu 'membro da raça', porque de alguma forma a posição que ocupam mudou a forma de ver e reagir aos fatos. Isso nos remete a Fanon (2005, p. 49), quando ressalta essa ideia de que o colonizado nutre em si um desejo de ser o colonizador, de estar do lado do opressor: "O colonizado é um perseguido que sonha permanentemente transformar-se em perseguidor." Ele ressalta que o colonizado também almeja o poder, ser o carrasco/caçador e não a vítima.

Conforme Seligmann-Silva (2008), o testemunho emerge na recriação das cenas, assim, os fatos vividos por Esi e repassados para Ness, sua descendente, em suas histórias antes de dormir configuram uma metalinguagem do teor testemunhal da cena traumática e da necessidade de narrar o trauma. Essa é uma forma de Esi diminuir o peso da carga traumática, a necessidade de dividir sua dor. Em sua narrativa, Gyasi (2017) consegue preencher as lacunas históricas, individualizando a experiência a partir da sua capacidade criativa e a possibilidade literária do simbólico e imagético, trazendo à tona esses três lugares que concebem o trauma, a saber: a) o calabouço; b) o navio negreiro; c) as plantations.

A narrativa apresenta lugares que demarcam o trauma. Para Esi, o calabouço é o primeiro lugar da experiência traumática, além do tratamento desumano, esse era um lugar úmido, com

⁵ REUTERS. Caso Tyre Nichols: cinco ex-policiais de Memphis se declararam inocentes na morte do jovem negro. *G1 Mundo*, 17 fev. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/02/17/caso-tyre-nichols-cinco-ex-policiais-de-memphis-alegam-inocencia-na-morte-de-jovem-negro.ghtml>. Acesso em: 15 de janeiro de 2024.



pessoas amontoadas, sem a mínima higiene, nem alimentação insuficiente. Na citação seguinte, a narradora descreve como era o calabouço e como essa experiência do trauma revelava a violência que desordenava a vida dessas mulheres.

As paredes de barro do calabouço deixavam todas as horas iguais. Não havia sol. Havia escuridão de dia, de noite e em todos os momentos. Às vezes, eram tantos os corpos acumulados no calabouço das mulheres que todas elas precisavam ficar deitadas, de bruços, para que mais mulheres fossem empilhadas por cima. E esse era um desses dias. Esi foi chutada para o chão por um dos soldados, que pôs o pé na base do seu pescoço para ela não poder se virar para respirar nada que não fosse a poeira e a sujeira do chão. As mulheres novas foram trazidas para ali, e algumas se lamuriavam tanto que os soldados as golpeavam até elas caírem, inconscientes. Elas foram empilhadas por cima das outras: cada corpo, um peso morto. Quando as espancadas voltavam a si, já não havia lágrimas. Esi pôde sentir que a mulher por cima dela urinava. A urina desceu por entre as pernas das duas. Esi aprendeu a dividir sua vida em Antes do Castelo e Agora. (Gyasi, 2017, p. 52-53).

Diante desta descrição, percebemos que a narradora pinta um quadro e remonta a cena traumática de muitas mulheres que viveram a experiência danosa do sequestro, calabouço e escravização. A cena mostra de maneira clara que elas estavam desnorteadas, não havia passagem para luz, não tinham como marcar o passar dos dias. Pode-se entender a ausência dessa luminosidade, de calor do sol, com a obscuridade que suas vidas tomavam a partir deste momento. A comparação que ela faz com “cada corpo”, um “peso morto” reforça a ideia de aniquilamento de suas vidas; eram apenas um peso que elas mesmas carregavam, um peso para aqueles que precisavam mantê-las ali, ineficientes no momento. Essa comparação também remete à ideia de morte que permeava o ambiente e, além disso, esse contexto precário se revela como um fator de motivação para o desenvolvimento do trauma.

O final da narrativa acima reitera esse impacto e fratura na vida de Esi, causado por esta experiência, quando ela começa a dividir a sua vida em dois momentos: o antes e o depois do castelo: “Antes do Castelo, ela era filha do Grande homem e de sua terceira esposa, Maame. Agora ela era só o pó. Antes do Castelo ela era a moça mais bonita da aldeia. Agora ela era nada mais que ar.” (Gyasi, 2017, p. 53). Aqui percebemos que a experiência traumática abala sua percepção identitária, haja vista estar ancorada em quem ela era antes: havia o sentimento de pertencimento a um povo, cultura, família e o papel que ocupava nesse lugar. O ‘agora’ para ela representa a perda dessas referências e o fim de sua singularidade existencial. É possível observar também o sentimento de uma existencialidade mórbida de não ser, -não pertencer-, tanto pela ideia de se ver como “peso morto”, quanto de se sentir “pó”, fazendo referência à suposta premissa de que a



morte possibilita a volta às origens da matéria prima da criação, mas também às suas origens familiares.

Pode-se acrescentar que o navio negreiro é apresentado como o segundo lugar do trauma. Esi é a personagem que passa por essa experiência, porém o relato se dá do ponto de vista das memórias de sua filha, Ness, ao lembrar das histórias que sua mãe contava sobre o 'Barco grande'. No trecho abaixo, há a descrição de como eram alojados ali, bem como o transtorno de serem transportados como uma mercadoria ou "peso morto".

A mãe de Ness, Esi, era uma mulher dura, séria, que nunca tinha contado uma história feliz. Mesmo as histórias que contava para Ness na hora de dormir eram sobre o que Esi chamava de "Barco Grande". Ness adormecia com as imagens de homens sendo jogados no oceano Atlântico, como âncoras presas a nada: nem terra, nem gente, nem valor. No Barco Grande, Esi dizia, eles eram postos em pilhas de dez pessoas; e quando um homem morria em cima de você, seu peso esmagava a pilha, como cozinheiras esmagando alho. A mãe de Ness, chamada de Cara Amarrada pelos outros escravos porque nunca sorria [...] (Gyasi, 2017, p. 110-111).

Podemos perceber a cena do trauma revisitada pela memória de Esi e repassada como herança traumática para Ness em forma de histórias para dormir, provavelmente o único momento em que as duas podiam estar juntas depois de um dia de trabalho. Não são histórias de contos de fadas ou fábulas, são histórias de tortura e morte que embalam o sono da menina e ficam registradas em sua lembrança. Esse ato de contar histórias para adormecer os filhos era uma prática comum entre as mulheres escravizadas, que também cuidavam da casa grande e precisavam colocar os filhos dos patrões para dormir. Tal experiência nos remete, naturalmente, à Conceição Evaristo, ao cunhar o termo "escrevivência" para designar a escrita de narrativas de mulheres negras, que usam a voz para contar histórias de seu povo e passar às próximas gerações sua cultura e a literatura oral.

Esi contava para Ness sobre sua terra natal, a viagem no navio negreiro e a experiência de se tornar escravizada em uma terra distante. De alguma forma, o sofrimento da mãe tem um impacto sobre a filha, que também vive o trabalho forçado nas plantations. O "Barco grande", como segunda cena do trauma da escravização descrita no romance, apresenta a violência e desumanização, já que homens e mulheres eram transportados como animais ou objetos empilhados. Sua comparação à "âncora" remete novamente à ideia de que eram "peso morto", sem significância, apenas um item em uma pilha. Assim, sua origem agora se perdia e se tornava turva. Aos poucos, é possível perceber que o sentimento de pertencimento e identidade vai se



desfazendo, pois em cada espaço traumático ela vai se distanciando do que era. O navio a levava para longe do que a tornava humana, das suas origens, dos laços familiares e sociais dos quais fazia parte anteriormente.

As plantations representam, na narrativa, o terceiro lócus da cena em que acontece o trauma. Plantation era um sistema que vigorava no Sul dos Estados Unidos, onde utilizavam a exploração colonial, na qual o administrador do grande latifúndio dominava a vida de todos que cercavam e habitavam em suas terras. E, trabalhavam com o modelo da monocultura, isto é, a plantação de um produto específico para exportação. No caso da narrativa, tanto Ness, como sua mãe Esi, trabalharam no sistema das plantations na cultura do algodão.

Sobre essa realidade, a escritora e artista portuguesa, Grada Kilomba (2008), reitera a percepção de Fanon acerca do racismo se enquadrar como algo traumático que desenvolve transtornos para a vida das pessoas negras: “Parece, portanto, que o trauma de pessoas negras provém, não apenas de eventos de base familiar, como a psicanálise argumenta, mas sim, do traumatizante contato com a violenta barbaridade do mundo branco, ou seja, com a irracionalidade do racismo” (Kilomba, 2008, p. 40). Percebemos que a forma racista de tratar descrita no romance *O caminho de casa* (2017) denota essa irracionalidade do branco que desprezou e dizimou a população negra.

Encontramos relatos do trabalho duro e da violência dos senhores, tanto ao narrar sobre Esi, como em Ness sua filha. Além do trabalho forçado diário, vigorava a violência extrema por qualquer deslize e para manter o controle da obediência dos escravizados. A violência era usada como forma de vituperar tanto o corpo, quanto o emocional, fragilizando qualquer sentimento de pertencimento à humanidade. Como exemplos dessa violência, a seguir, o trecho expõe Esi sendo açoitada, simplesmente por falar em seu idioma com a filha:

Ness não tinha certeza se um dia ia se acostumar a ouvir o inglês se derramando da boca de negros. No Mississippi, Esi falava com ela em twi, até seu senhor a apanhar fazendo isso. Ele açoitou Esi cinco vezes para cada palavra em twi que Ness disse; e quando Ness, vendo sua mãe ser castigada, ficou apavorada demais para abrir a boca, ele deu cinco açoitadas em Esi para cada minuto de silêncio de Ness. Antes do açoitamento, sua mãe a chamava de Maame, em homenagem à própria mãe, mas o senhor tinha chicoteado Esi por isso também. Ele a tinha chicoteado até ela exclamar “My goodness!” — as palavras lhe escapando da boca, sem que ela pensasse, sem dúvida aprendidas com a cozinheira, que costumava dizê-las para assinalar cada frase. E como essas tinham sido as únicas palavras em inglês que saíram pela boca de Esi, sem ela lutar para encontrá-las, Esi acreditou que o que ela estava dizendo devia ter sido alguma coisa divina, como a dádiva de uma filha. Foi assim que aquele “goodness” virou apenas Ness. (Gyasi, 2017, p. 112).



A imersão na lembrança traumática mostra a imagem do trauma revisitando a memória de Ness, enquanto descansava deitada com Pinky. Ness, filha de Esi, ainda criança presencia os açoites, a proibição do uso de sua própria língua, a imposição de outra língua e cultura, transformando essa descrição em uma cena primal do trauma cultural estabelecido pela escravização, conforme Eyerman (2004). Costa (2017) nos lembra que o continente africano possui cerca de 54 países e que muito embora possua mais de duas mil línguas autóctones faladas, a língua inglesa é a língua oficial em cerca de 22 países do continente. A referida pesquisadora destaca que isso revela a força da língua do colonizador, - assim como outras línguas europeias como francês, italiano, português etc.- como um artifício de opressão para dominação, visto que, ao impor a sua língua e cultura, suprime as demais línguas como forma de comunicação, como símbolo cultural. Gana, país africano de origem das personagens do romance em estudo, é um exemplo dessa dominação, pois desde o período da colonização, a língua inglesa foi estabelecida como língua oficial. Como salienta Costa (2017), em fatos como esse, subjaz a constatação de que muitas línguas africanas desapareceram ou foram extintas para que o inglês fosse imposto, tornando-se “a” língua oficial.

Se isso acontece ainda nos países colonizados, na diáspora não é diferente. Como a obra mostra, esta é uma prática que se pode relatar desde o período inicial da escravização de negros africanos⁶. Além disso, podemos entender que quando a narradora descreve a punição e a proibição de sua língua e de seu nome de nascença, ela evidencia o epistemicídio cultural que subjogava as pessoas negras escravizadas a perder qualquer vínculo com as suas origens e saberes. Compartilhamos do mesmo pensamento de Sousa Santos (2009) e na perspectiva de Carneiro (2005), a trazer a reflexão sobre a junção do dispositivo de racialidade com o biopoder surge um mecanismo particular que combina aspectos dessas duas tecnologias de poder: o epistemicídio, que questiona o papel da educação na perpetuação de poderes, conhecimentos, subjetividades e “cídios” gerados pelo dispositivo de racialidade/biopoder. Nessa passagem, pois, a obra manifesta o epistemicídio como uma faceta do genocídio, devido à intenção de diminuir, manipular e até mesmo aniquilar saberes tidos como inferiores por pertencerem a uma raça e etnias distintas daquelas vistas como paradigma do saber, destacando principalmente a intenção

⁶ Ressalte-se, entretanto, que junto aos povos indígenas, tanto Brasil, quanto em outros países também houve um intenso trabalho de silenciamento, conforme se pode ler em **O desaparecimento de um idioma é o começo do fim de um povo**. <https://jornal.usp.br/atualidades/o-desaparecimento-de-um-idioma-e-o-comeco-do-fim-de-um-povo/>. Acesso em 19.06.2024.



de desumanização do homem e da mulher negra durante a escravização, como representado por Esi e Ness.

Consoante o pensamento de Caruth (1995), sobre a cena do trauma que revisita a memória, isso pode ser observado na sentença que indica a alusão aos pensamentos de Ness: “Ela está de volta no inferno” indica que outra vez ela se lembra de seu antigo senhorio e de como conheceu seu marido Sam. Ele era recém-chegado da África, provavelmente da Nigéria, pois falava iorubá. Ora, por um lado, o comportamento insubmisso dele revelava a sua revolta pela nova condição de sua existência, a lembrança recente de quem ele ainda era em seu país, a identidade que lutava por sobrevivência. No entanto, por outro lado, Ness nasceu nas plantações e aprendeu desde cedo a fazer o seu trabalho, sua existência se dividia entre as histórias de sua mãe e o seu trabalho nas plantations. Ela nomeia este lugar de “inferno” e o senhor de “demônio”. Essa concepção de sua realidade demonstra a conjuntura de opressão e transtorno em que vivia.

Ela está de volta no Inferno. Está casada com um homem que chamam de Sam, mas que vem direto do Continente e não fala inglês. O senhor do Inferno, o próprio Demônio, com a pele de couro vermelho e um topete de cabelo grisalho, prefere que seus escravos sejam casados, “como uma espécie de seguro”. E como Ness é nova no Inferno e ninguém a tomou para si, ela é dada para acalmar o novo escravo Sam. (Gyasi, 2017, p. 125).

Na memória do trauma das plantations, enfatizamos a noção de objeto que remete ao significado dessa nova identidade que assumia nas plantations, quando ela é “dada” para suavizar o comportamento de Sam. Essa impossibilidade de decisão e controle sobre a sua própria vida conjugal subjugava a mulher a uma condição mais desfavorável que a do homem negro. Essa conjuntura apresenta, conforme Collins e Bilge (2021), os desdobramentos enfrentados pela mulher negra, que precisa encarar a complexa relação desigual por ser do gênero feminino e agravada por ser negra, imigrante e em condição de trabalho escravizado. Percebemos assim a noção interseccional sinalizada no enredo desde as primeiras personagens como Esi, até as gerações posteriores, como por exemplo no caso de Willie, que revela uma mulher negra como sujeito subjugado e nas pontas das camadas sociais, sendo assim, excluída e prejudicada em diversas categorias: gênero, raça, imigração e classe social.

Na citação que segue, é descrita a vida e, principalmente, o trabalho nas plantations, reforçando a ideia de lócus traumático: “No Inferno, ela tinha aprendido a comer em pé: colhendo algodão com a mão direita, empurrando a comida pela boca com a esquerda. Não era algo que



fosse necessário fazer na plantation de Tom Allan, trabalhar enquanto se comia, mas ela não sabia trabalhar de outro jeito.” (Gyasi, 2017, p. 117)

Retomamos, portanto, Seligmann-Silva (2008), ao destacar a estranheza que a narrativa do trauma causa na testemunha; nesse caso, podemos dar enfoque ao leitor, que se torna coparticipante da experiência. De um lado, essa estranheza se dá devido à sensação de irrealidade dos fatos, uma vez que o questionar da veracidade dos fatos pode ser devido ao choque da cena traumática ter sido realidade. Do outro lado, ele ressalta o viés narrativo que reconstrói a cena, simbolizando o momento traumático, ou o lócus do trauma e, até mesmo, a construção de um sentido para o sentimento fragmentado evocado no trauma, possibilitando que ele suba à superfície ressignificando a experiência e dando uma nova dimensão:

Ao invés da imagem calcada e decalcada, chata, advinda do choque traumático, a cena simbolizada adquire tridimensionalidade. A linearidade da narrativa, suas repetições, a construção de metáforas, tudo trabalha no sentido de dar esta nova dimensão aos fatos antes enterrados. Conquistar esta nova dimensão equivale a conseguir sair da posição do sobrevivente para voltar à vida. Significa ir da sobre-vida à vida. (Seligmann-Silva, 2008, p. 69).

Essa nova dimensão que a narrativa desenvolve a partir da memória coletiva e cultural do trauma reitera a concepção de Spaulding (2005), quando afirma que, ao reescrever o passado, a literatura consegue imprimir na memória coletiva um novo significado, fazendo justiça epistêmica à tentativa de desvinculação da cultura e da humanidade dos povos africanos durante a escravização e desfazendo os estigmas que corrompem a história do povo afro-americano, bem como afirmando sua identidade na sociedade estadunidense. Assim, entendemos que o romance traz a escravização como cena primal do trauma cultural da escravização, onde são descritos três lugares como locus desse trauma da cultural: a) calabouço; b) navio negreiro; c) plantations. Esses lugares configuram o espaço e ambiente onde o trauma foi concebido, estabelecido e consolidado, visto que até hoje são lembrados pelo testemunho histórico.

Portanto, a autora demonstra a necessidade de narrar o trauma, conforme Seligmann-Silva (2008), como uma forma de buscar religamento com o outro, o mundo e a si próprio ao tentar refazer-se das fraturas causadas pela memória traumática da escravização e suas reminiscências. Na tentativa de romper também com a história única contada pelo universalismo branco, inserir o negro na história e na reconstrução de uma memória que reafirme a identidade dos povos afro-diaspóricos.



Dessa forma, a literatura -com teor testemunhal- torna-se um espaço de entrada para recriação da cena traumática em que a possibilidade de recriação imagética preenche as lacunas reestabelecendo espaços e fatos dentro de um contexto que oscila entre o real e o imaginário.

Considerações finais

O romance que discutimos neste artigo está inserido em um contexto de uma exponencial produção de autoras afro-americanas. Essas autoras têm produzido obras que poderiam ser chamadas de ‘escrevivências’, do ponto de vista da autora brasileira Conceição Evaristo, quem cunhou o termo; uma vez que as produções literárias dessas autoras apresentam personagens com vozes (de)-silenciadas, revelando uma forte marca de não mais “encantar”, como nos ensina Conceição Evaristo, mas de incomodar com suas narrativas duras e, por vezes, cruéis, abordando como o racismo, a misoginia, e suas interseccionalidades. Embora a narrativa trate da história de cada descendente em capítulos diferentes, individualmente, percebemos que suas histórias estão intrinsecamente ligadas, obviamente pelos laços de sangue; contudo, isso também denota as ligações históricas e factuais que ligam Esi e Effia mesmo sem nunca terem se conhecido, ou Esi e Ness, mãe e filhas separadas muito cedo nas plantations etc. Essa perspectiva da construção da memória coletiva por meio dessas narrativas que incomodam, nos possibilita adentrar em novos caminhos que tragam o viés da recepção do leitor como coparticipantes da reformulação da história dos povos afrodescendentes ao romper paradigmas e pluralizar padrões. Separados pela diáspora, pelo trabalho escravo ou pelas injustiças sociais e raciais, as pessoas negras podem enfrentar o problema da falta de propriedade da memória individual, do conhecimento de sua própria origem, isso implica sobretudo na construção de uma memória coletiva que reivindique a ressignificação dessa identidade contestada e marginalizada.

Certamente, aqui, a literatura assume esse papel fundamental de reescrever o passado como discorre Spaulding (2005), bem como compreender e conhecer as histórias fragmentadas que se ligam e formam um todo. Por isso, a memória é um aspecto importante para a reformulação da história dos povos africanos, resgatando a reafirmação de suas identidades. Lembrando que *O caminho de casa* (2017), de Gyasi, descreve a escravização como o trauma cultural africano que fragilizou e maculou as identidades desses povos; assim, uma forma de mudar essa história conforme Seligmann-Silva (2008), é justamente tornar o leitor um co-participante, uma testemunha no ato da leitura, o qual por meio da narrativa ele revisita o passado e compreende a história por outro olhar. Enfim, narrar o trauma, além de ser um



compartilhamento de dores, torna-se uma ferramenta inclusiva do leitor, e reformuladora de ideias, concepções e memória.

Yaa Giasi, que é também autora de *Transcendent Kingdom* [*Reino Transcendente*, (2021) tradução de Waldéa Barcellos] faz, em seu *O caminho de casa*, o que pode ser entendido como um túmulo de papel de seus ancestrais, como nos ensina Scholastique Mukasonga. Assim, reiteramos que a literatura contribui para o reconhecimento da história e da memória dos povos africanos, pois ao demonstrar o seu teor testemunhal, narrando a diáspora e os danos da escravização dos ascendentes dos afro-americanos de hoje, revela-se como fundamental para o fortalecimento de identidades que são fundamentais para a formação do povo americano, tanto no norte do continente, como também na América Latina.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Acesso em: 19 jun. 2024.

CARUTH, Cathy. **Trauma: Explorations in memory**. The Johns Hopkins University Press: Baltimore/London, 1995.

CARUTH, Cathy. **Unclaimed experience: Trauma, narrative, and history**. JHU Press: Baltimore Press, 2016.

COLLINS, Patricia Hill. BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021.

COSTA, Paula de Sousa. **Americanah: a literatura africana no Ensino de Inglês como Língua Estrangeira**. Campina Grande, 2017. 157 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Unidade Acadêmica de Letras, Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino - Universidade Federal de Campina Grande, PB, 2017.

DALL'ARA, Pedro. O desaparecimento de um idioma é o começo do fim de um povo. **Jornal da USP**. <https://jornal.usp.br/atualidades/o-desaparecimento-de-um-idioma-e-o-comeco-do-fim-de-um-povo/> 08 de junho de 2022. Acesso em 19 de junho de 2024.

EYERMAN, Ron. **Cultural trauma: Slavery and the formation of African American identity**. In *Cultural trauma and collective identity*. Oakland: University of California Press, 2004.

GYASI, Yaa. **Transcedent Kingdom**. New York City: Knopf Publishing Group, 2020.

GYASI, Yaa. **Reino Transcendente**. Trad. Wáldea Barcellos. São Paulo: Rocco, 2021.

GYASI, Yaa. **O caminho de casa**. Trad. Wáldea Barcellos. São Paulo: Rocco, 2017.



KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação. Episódios de Racismo Cotidiano**. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. p. 85.

RUSHDY, Ashraf H. A. **Neo-slave Narrative**. In *The Oxford Companion to African American Literature*. Edited by William L. Andrews, Trudier Harris, and Frances Smith Foster, 533–535. New York: Oxford University Press, 1997.

RUSHDY, Ashraf H. A. **Neo-slave Narratives: Studies in the Social Logic of a Literary Form**. New York: Oxford University Press, 1999.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009.

SANTOS, José Antônio dos. Diáspora africana: paraíso perdido ou terra prometida. **Desvendando a história da África**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. Disponível: <http://books.scielo.org/id/yf4cf/epub/macedo-9788538603832.epub>. Acesso em: 15 jul. 2021.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Psicologia clínica**, v. 20, p. 65-82, 2008.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Literatura e trauma. **Pro-Posições**, v. 13, n. 3, p. 135-153, 2002.

SPAULDING, A. Timothy. **Re-forming the past: history, the fantastic, and the postmodern slave narrative**. Columbus: Ohio State University Press, 2005.